

**A vida literária passada em revista:  
três cartas de Manuel Bandeira  
a Antônio de Alcântara Machado**

Augusto Massi

Ao que tudo indica, as primeiras cartas trocadas entre Manuel Bandeira e Antônio de Alcântara Machado datam de 1926. E foram escritas em função das colaborações enviadas pelo poeta pernambucano para o periódico *Terra Roxa...e outras terras*<sup>1</sup>, dirigido pelo prosador paulista. Bandeira pingou dois poemas: o antológico “Pneumotórax”, incluído em *Libertinagem* e “Cidade do interior” (jamais publicado em livro, por julgá-lo muito oswaldiano).

No entanto, foi a partir dos anos 1930, com o aparecimento da *Revista Nova*<sup>2</sup>, que a amizade e a correspondência se fortaleceram. Apesar do número aqui publicado ser reduzido – o conjunto das cartas é amplo e reafirma a existência de um grupo modernista coeso e afinado intelectualmente. Na virada da década de 1920 para a de 30, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Antônio de Alcântara Machado, entre outros, desejavam aprofundar o debate e ampliar os horizontes da pesquisa.<sup>3</sup> Sem dúvida, essa correspondência abre novas perspectivas com relação ao quadro histórico já delineado em *Pressão afetiva & aquecimento intelectual. Cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto (1925-1932)*, organizado por Cecília de Lara.

Talvez, por ter falecido tão precocemente e deixado uma obra em progresso, Alcântara ainda hoje não é uma figura devidamente estudada. Entretanto, podemos afirmar que desempenhou um papel muito importante, fundando revistas (*Terra Roxa...e outras terras*, *Revista de Antropofagia* e *Revista Nova*), atuando como elemento de ligação entre diferentes gerações e colaborando para o fortalecimento dos vínculos entre paulistas e cariocas.

1 Diretores: Antonio Carlos Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado. Secretário e administrador: Sérgio Milliet. O primeiro, dos sete números publicados, apareceu em 20 de janeiro de 1926, e o último, em 17 de setembro do mesmo ano.

2 Diretores: Paulo Prado, Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado. Dos dez números publicados, o primeiro veio à luz em 15 de março de 1931, e o último, em 15 de dezembro de 1932.

3 O primeiro número traz um texto assinado pelos seus três diretores que funciona como uma declaração de princípios: “O conto, o romance, a poesia e a crítica deles não ocuparão uma linha mais do que de direito lhes compete numa publicação cujo objetivo é ser uma espécie de repertório do Brasil. Assim o interessado encontrará aqui tudo quanto se refere a um conhecimento ainda que sumário desta terra, através da contribuição inédita de ensaístas, historiadores, folcloristas, técnicos, críticos e (está visto) literatos. Numa dosagem imparcial.”

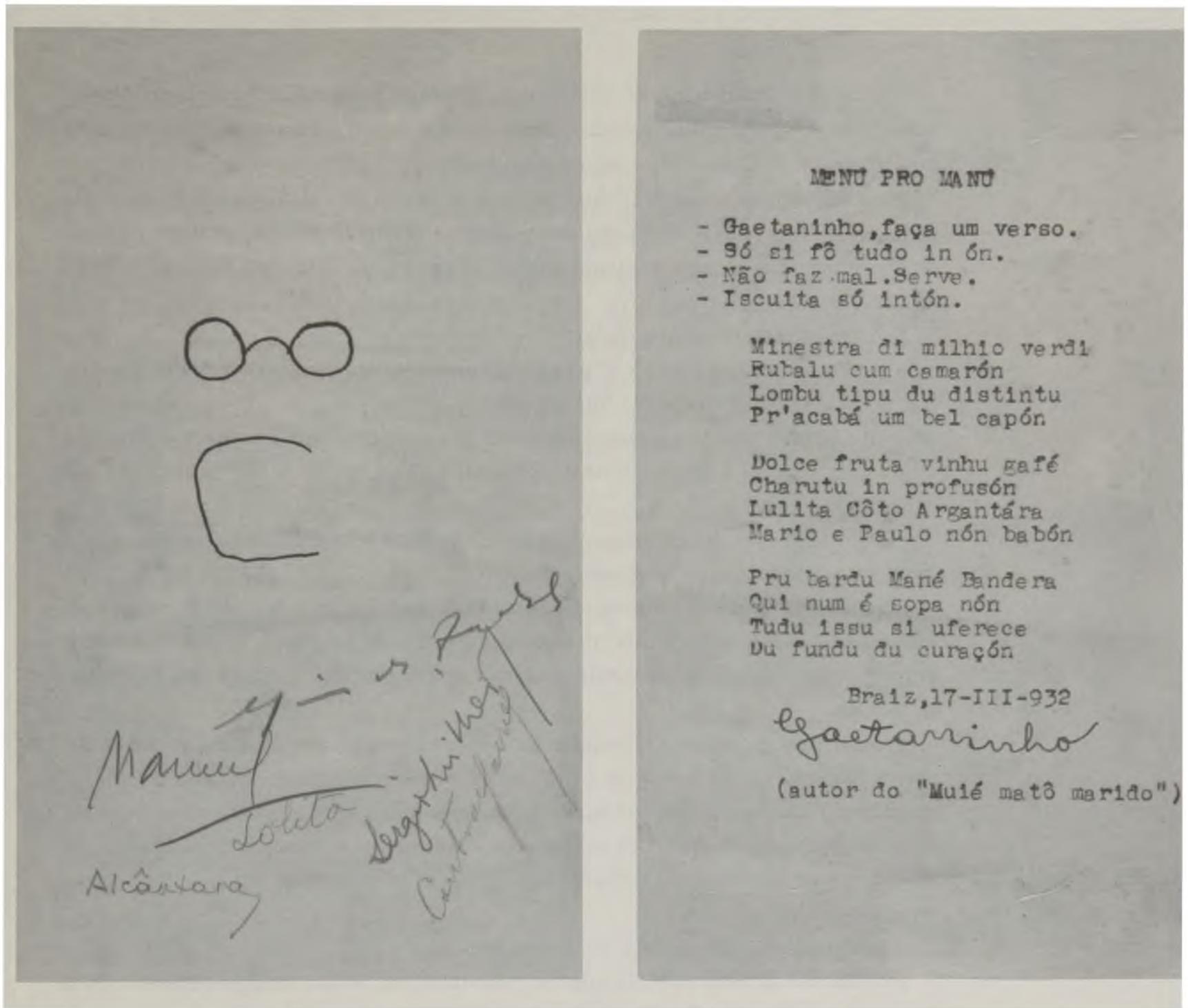
O mesmo pode ser dito sobre a *Revista Nova*. Além de ter fechado suas portas cedo, não foi contemplada, ao contrário das publicações de vanguarda, com reedições facsimilares ou estudos universitários. Ela representa um segundo momento modernista: é graficamente sóbria, culturalmente crítica e politicamente engajada.<sup>4</sup> O seu programa intelectual está mais próximo da primeira fase da *Revista do Brasil* do que da *Revista de Antropofagia*.

Na outra ponta, Manuel Bandeira mais uma vez surpreende, e acaba por roubar a cena. Nos últimos anos, vários livros trouxeram à luz a correspondência do autor com Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Vinicius de Moraes. Comparativamente, seja pela quantidade, seja pela qualidade de suas cartas, não soaria um despropósito afirmar que o missivista Manuel Bandeira começa a ocupar um papel tão importante e central como Mário de Andrade.

As três cartas de Bandeira endereçadas a Antônio de Alcântara Machado, aqui reproduzidas, pertencem a um conjunto maior que está sendo reunido pelo editor Paulo Malta e por mim. Delas saltam informações preciosas e fecundas para quem deseja recompor a vida literária, libertina e imaginativa do modernismo: “Darei um poema imoral intitulado ‘Estrela da manhã’”, “Sérgio hoje é da sacanagem!”, “Venho comunicar-lhe que fui deposto do governo da província do Curvelo”.

Dentro dessa perspectiva histórica, outros documentos podem nos oferecer uma dimensão mais concreta da sociabilidade literária praticada pelos escritores que se reuniam em torno da *Revista Nova*. Por isso, além das três cartas, é interessante reproduzir *Menu pro Manu*, poema de Antônio de Alcântara Machado, escrito no melhor estilo modernista. Assim como uma passagem do diário de Marques Rebelo, *O trapicheiro*, na qual o autor consegue captar de forma notável a atmosfera de comoção que cercava a missa de sétimo dia de Antônio de Alcântara Machado mesclada à emoção de vivenciar a certidão de nascimento do poema “Momento um café”, de Manuel Bandeira. Como se vê, o caldo é espesso e nele convivem leituras, criação e política literária.

4 Ver ensaio de: DE LUCA, Tania Regina. Um repertório do Brasil: tradição e inovação na *Revista Nova*. In: *ArtCultura, Revista de História, Cultura e Arte*, n. 13, Universidade Federal de Uberlândia, jul-dez, 2006



Poema em forma de menu de jantar do grupo da *Revista Nova*,  
versos de Antônio de Alcântara Machado (Coleção de Artes Plásticas de Mário de Andrade, IEB-USP).

A missa de sétimo dia de Antônio Alcântara, já se lá vai um ano, fulminado estupidamente por uma peritonite aguda, quando exercia, moço, sério, de nobres ambições, o mandato na Câmara, foi na Candelária, com todos os altares iluminados, orquestra e coro.

Da família ninguém que eu conhecesse, creio que voltaram todos para São Paulo, acompanhando o corpo, que desejara orgulhosamente ser enterrado em chão piratininga, quando se certificou que para ele, que tanto amava a vida e o comando da vida, estava terminado inopinadamente o seu papel.

Sobrava eu entre deputados, políticos, funcionários da Câmara, magnatas da indústria e do comércio, gente tão avessa à literatura do amigo, procurando às apalpadelas encontrar um rosto familiar naquela turba estranha, quando vislumbrei o Poeta, corcovado e prógnato, boiando também na maré de plutocratas, e achei-me a ele como a um igual. Timbra em ser igual – simples, fraterno, interessado nos problemas alheios. Recebeu-me com disfarçado sorriso:

– Reparou que música escolheram para o ofício fúnebre? – e não esperou por minha inquirição de ignorante: – “O alegre camponês”, de...

Schubert, Schumann? – continuei ignorando. A tosse seca com que, desde rapaz, pontuava a conversação, impediu-me de entender o nome do autor e ele se pôs novamente grave, fitando o sacerdote, de casula dourada e gestos plásticos, entre votivas baforadas de incenso.

A manhã era de sol e azul, pombos furta-cores passeiam nos frontões do banco de avermelhado mármore, fresca era a rua estreita, de sabor antigo, que as casas de crédito invadiram. Escalamos no café fronteiro à igreja, antes de nos separarmos na rua do Ouvidor. Ficamos rente à porta, o raio de sol pousava em nossos pés. Falamos de Antônio, mas falamos pouco, como se fosse grosseiro ou fingido extravasar o abalo da perda. E ele sacou o papel do bolso:

– Leia isto. Fiz ontem. Saiu de uma assentada.

Era “Momento num café”. As minhas mãos tremiam, senti a vertigem da emoção, a integração total, a vibração de um grito que se fazia meu, que seria meu para toda a vida:

“E saudava a matéria que passava  
liberta para sempre da alma extinta”.

Rio, 17 de janeiro de 1930.

Caro Antônio de Alcântara Machado

Respondo à primeira das duas cartas suas: darei um poema imoral intitulado “Estrela da manhã”<sup>5</sup> para o primeiro número da *Revista Nova*; já falei ao Aníbal pedindo o *João Ternura* (prometeu sem se comprometer, mas se ele falhar há um rapaz, Marques Rebelo<sup>6</sup>, que v. talvez já conheça, de quem se poderá obter um romance); sinto muito não poder ajudá-los como agente da revista (para isso dará melhor o Schmidt). À segunda carta: nada a fazer do lado do Goulart<sup>7</sup>, com quem estive ontem. Goulart não votará nem em seu pai<sup>8</sup> nem no Múcio<sup>9</sup>, mas no Rafael Pinheiro que também é candidato. O Goulart está bem doente há muitos meses e o Rafael tem sido de uma dedicação extrema para com ele. Ainda que a candidatura do Rafael não tenha nenhuma probabilidade de vitória, o voto do Goulart será dele em todos os escrutínios.

Sérgio<sup>10</sup> chegou da Alemanha contando maravilhas. Parece que aquilo lá está melhor do que Pasárgada. Sérgio voltou achando que a solução comunista tem o mesmo vício racionalista da solução católica. O que ele quer agora é a libertação dos instintos. Quer dizer que Sérgio hoje é da sacanagem!

Um abraço do  
Manuel

5 “Estrela da manhã” acabou sendo substituído por “Boca de forno”.

6 No terceiro número da *Revista Nova*, Manuel Bandeira publicou uma resenha sobre *Oscarina* de Marques Rebelo.

7 Manuel Bandeira só entraria para a Academia Brasileira de Letras em 1940, no entanto, já militava ativamente em suas eleições. O alagoano José Maria Goulart de Andrade (1881-1936) foi poeta, teatrólogo e romancista. Na condição de acadêmico, a partir de 1915, passa a ocupar a cadeira de número 6.

8 O velho Alcântara Machado (1875-1941) concorreu à vaga de Silva Ramos e obteve 18 votos no primeiro escrutínio, elegendo-se com 19 no segundo.

9 O pernambucano Múcio Andrade Leão (1898-1969) formou-se em Direito no Recife. Como jornalista e crítico literário, fundou com Cassiano Ricardo e Ribeiro Couto o jornal *A Manhã*, onde foi diretor do suplemento literário *Autores & Livros*. Poeta, contista e romancista entrou para a Academia em 1935, ocupando a cadeira de número 20.

10 Trata-se do historiador e crítico literário Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) que residiu em Berlim, Alemanha, entre 1929 e 1931.

Rio, 30 de setembro de 31.

Formosó amigo Antônio (fui te chamar de formoso e a Royal protestou energicamente, te chamou formosó!)

Sem carta sua a responder (a última foi minha), escrevo-lhe por vários motivos, o mais relevante dos quais é para dizer que estou (enfim!) lendo a *Vida e morte do bandeirante*<sup>11</sup> Lendo devagar e com grandes delícias. Há muito tempo que um livro não me faz ir tanto ao dicionário. É que estou passando pelo crivo. O livro de seu pai tem não só o interesse histórico como o lingüístico (vou assinalá-lo a meu amigo Sousa da Silveira, filólogo). Marquei lá umas coisas que não achei nos meus dicionários. É verdade que sou paupérrimo (ou pobríssimo, como diz o professor). Depois mandarei as consultas.

Outro motivo desta minha extraordinária epístola é protestar junto à redação da *Revista Nova*, que me faz de intermediário de entrega da revista ao assinante Cícero dos Santos Dias e não me manda o meu exemplar, a que me dá amplos direitos uma colaboração medíocre, é fato, mas “persistente como a lembrança da primeira comunhão”!

O terceiro motivo é lembrar que não deixe o prezado amigo de ler a próxima crônica de sábado do *Diário*, narrativa de um candomblé que superrealistifiquei,<sup>12</sup> coisa sem importância mas onde vem uma anedota autêntica do Zé Mariano Filho<sup>13</sup> a propósito de modesto sociólogo: é preciso *répandre* na Paulicéia.

O quarto motivo é o velho amor e a velha admiração do membro do júri do Salão de 1931, poeta lírico e muito tísico.

Manuel

11 *Vida e morte do bandeirante* (1929), de José de Alcântara Machado de Oliveira (1875-1941).

12 Publicada no *Diário Nacional*, em 3 de outubro de 1931, posteriormente incorporada ao volume *Crônicas da província do Brasil* (São Paulo: Cosac Naify, 2006).

13 O pernambucano José Mariano Carneiro da Cunha Filho (1881 -1946), formado em medicina, ficou mais conhecido como crítico de arte e arquitetura, professor e diretor da Escola Nacional de Belas Artes, defensor do estilo neocolonial. Publicou, entre outros, *O Aleijadinho* (Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1930) e *Estudos de arte brasileira* (Rio de Janeiro: 1942).

Rio, 3 de janeiro de 33.

Alcântara,

Venho comunicar-lhe que fui deposto do governo da província do Curvelo. Desaparece assim nesse formidável tumulto que é a política internacional contemporânea o único Estado moderno “sin banqueros, sin policia y sin bandidos”, como escreveu na *Crítica*, de Buenos Aires, numa reportagem sensacional sobre “el Gobernador de Curvello”, o poeta Raúl Tuñón.<sup>14</sup>

Antes de seguir para o exílio não pude deixar de vir-lhe dar um adeus. Hoje é o último dia que passo nesta casinha onde morei dez anos (só levo uma saudade é desses tempos que amorosa ilusão embelecia). Já hoje o padeiro não pôs o pãozinho de tostão para o café da manhã. A Light já desligou a luz e o gás.

Sem pão, sem luz, sem gás, sem fé, sem Deus, sem lar!

Na verdade, me sinto *leggero leggero*, como o Perelà.<sup>15</sup> Afinal a gente acaba escravo das coisas que tem: há uma certa felicidade de não ter nada. Se este sentimento persistir, escrever-lhe hei novamente dizendo

“assim, Antônio, deves ser também!”

Todavia, por enquanto ainda lhe desejo todas as coisas nesta entrada de ano santo.

Estou ainda sem rumo, como o pombo correio que tema altura. Não posso ir p’ra Pasárgada. Não sou mais amigo do rei. O rei é outro (lá também houve revolução). Nunca mais terei a mulher que eu quero na cama que escolherei! Merda – dez vezes.

Endereço provisório: rua Cândido Mendes 279.

Um abraço para você e Lolita.

Manuel

- 14 O poeta argentino e jornalista, Raúl González Tuñón (1905-1974), trabalhou no jornal *Crítica*, no qual também colaboravam Jorge Luis Borges e Robert Arlt. Além de vários livros de poemas, publicou um grande número de artigos, entre eles, uma reportagem sobre Manuel Bandeira. Viajante incansável, Tuñón esteve no Brasil e conviveu com o grupo que gravitava em torno de Bandeira. Entre os vários registros que deixou vale a pena mencionar os versos em que fala do restaurante Reis: *Conozco, camaradas, varios rincones del mundo. / Conozco el restaurant de León y Baptiste en la rue des Martyrs. / Conozco la granja de Villa Rosa en Barcelona. / Conozco el Puchero Misterioso en Buenos Aires. / Conozco el restaurant de la Salamanca en Chartres. / Conozco la freiduría del Coral en Málaga. / Y hoy, amigos, qué lejos están esos rincones de nuestro restaurant Reis / Digno de Rabelais y de Rimbaud! / Oh restaurant Reis, grande, espeso, picante, popular, oloroso, luminoso, impudico y sonoro!*
- 15 *Il codice di Perelà. Romanzo futurista*, do poeta italiano Aldo Palazzeschi (1885-1974). Milano: Edizioni Futurista di Poesia, 1911. Em *Itinerário de Pasárgada*, Manuel Bandeira comenta que foi através dos livros emprestados por Ribeiro Couto que conheceu e começou a gostar de Palazzeschi, cuja “La fontana malata” sabia de cor. Num outro trecho afirma: “E era com passagens como esta de Soffici ou palavras do *Codice di Perelà*, de Palazzeschi, que nos desabafávamos então do tédio do cotidiano”